

## Preâmbulo

Algo interessante ocorre-me nesta semana. Eu já havia de há muito decidido que a forma avaliativa que eu adotaria caso fosse chamado a ministrar um curso de filosofia (em nível médio ou superior, tanto faz) seria o pedido de redação por parte dos alunos de um texto filosófico. E para minha surpresa a vida devolveu-me exatamente tal experiência. Apesar de ter profundamente ponderado sobre o meio avaliativo mais adequado segundo as especificidades da cátedra, não havia me colocado na posição do aluno a ser avaliado.

Conforme escrevi outrora, estou cursando matéria de filosofia na Faculdade de Direito da UERJ. A cadeira faz parte da lista dos cursos aptos para contagem no programa de capacitação dos funcionários, uma obrigatoriedade enquanto servidor da casa. E o professor solicitou como trabalho de avaliação exatamente a confecção de um texto tendo por título "O que é filosofia?".

Considero que filosofia não seja para todos. Cito (adapt.):

"O real significado do termo "Ensino Superior" vai muito além do de ensino de terceiro grau, como ficou popularizado principalmente após as reformas das décadas de 60 e 70. O saber superior deve ser adquirido mediante o uso de codificações, sistemas, modelos e símbolos da semântica científica e, por isso, foge à praticidade do dia-a-dia e se reserva aos que disponham de condições especiais para abordá-lo. Por isso não pode ser democraticamente acessível a todos como muitos querem. É um ensino, por natureza, elitista, para uma minoria capacitada intelectual e culturalmente e não no sentido trivial de pessoas socioeconomicamente bem postas na comunidade."

(Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior Brasileiro - Paulo Nathanael P. Souza)

Para além dos supostos requisitos intelectuais e culturais prévios (o que é questionável), defendo que o estudo de filosofia depende muito mais de uma inclinação pessoal íntima, de uma vocação peculiar ao seu estudo. Perceba que filosofia em si não é matéria. Não é um tema, um recorte, uma área científica (pré-)determinada ou (pré-)delimitada. Filosofia em si mesma é o gosto de aprender. Aprender o quê? Tudo! É o amor ao conhecimento, ao próprio aprendizado; é olhar a vida encantadoramente pujante; é perceber, quanto mais se aprende, que menos se sabe sobre o mundo e sobre o universo que nos cercam; e que cada vez que se aprende mais, sabe-se menos. É manter a mente aberta, sem limitações, sem amarras, sem dogmas.

A Filosofia que se ensina nas escolas e nas faculdades não é filosofia. É matéria. Muito mais para o aluno passar de ano do que para fazê-lo refletir sobre alguma coisa. Mais historiografia da filosofia do que filosofia mesma. Assim é ensinada. E assim é pesquisada, como se fosse possível fazer pesquisa sobre filosofia - o próprio conceito não faz sentido... Mas é o que há no ensino superior e é por meio disso que acadêmicos e alunos ganham seus rolinhos comprobatórios de que estudaram/ensinaram. Toda essa burocracia é útil para quem se dedica à área. Mas e para quem não é dela? Qual utilidade tem a filosofia para um aluno de ensino médio? Ou para um profissional de outra carreira?

E então? Agora já formado e pós-formado, como respondo à primeira questão que nos fazemos assim que entramos na faculdade? Assim o segue:

Edição Independente nº 002  
Rio de Janeiro, 08~16 de junho de 2018.  
Pedro Figueira Almeida Alves  
www.pedrofigueira.pro.br



## O que é filosofia?

*"Filosofia é a ciência com a qual e sem a qual o mundo continua tal e qual."* Esse dito que freqüentemente escutamos assim que ingressamos no curso de graduação em filosofia aponta por si mesmo várias coisas. A primeira e mais evidente é o quão pouco valorizada fora do próprio meio é a filosofia. E não sem razão.

Quando de minha passagem pela faculdade de Direito<sup>1</sup>, meu contato com esse mágico "Mundo de Sofia"<sup>2</sup> se fez por acaso ou por destino (duas palavras que significam a mesma coisa)<sup>3</sup>. Ao freqüentar os cursos de Filosofia do Direito ministrados na EMERJ<sup>4</sup>, descobri que minha vocação não estava entre as paredes do fórum. E percebi também que não havia espaço no tecnicista e restrito mundo jurídico para desenvolver filosofia.

Mesmo antes de minha especialização em Educação<sup>5</sup>, e com ela o estudo sistematizado de modelos de avaliação discente, já havia definido que utilizaria uma forma branda para avaliação de meus alunos. E o motivo é minha compreensão (e defesa) de que filosofia não é para todos. Para defender essa postura, costumo elaborar um exercício mental com meus interlocutores. Imaginem-se diálogos com homens diferentes, cada um com seu ofício: o engenheiro civil que constrói barragens, o farmacêutico que passa o dia no laboratório produzindo medicamentos, o dono do mercadinho que quer ampliar seu negócio, o mestre de obras, o padeiro, o coveiro, o gari, o atleta, o dançarino, o mecânico, o advogado... Em que esses homens aplicarão filosofia em seus **ofícios**?

Em nada.

E mesmo que se apresente o contra-argumento que "a reflexão pode levá-los a desenvolver melhores métodos de trabalho", ainda assim é uma extrapolação. E ainda que Comte<sup>6</sup> esteja certo, que *"os vivos são sempre cada vez mais, necessariamente governados pelos mortos"*, a influência dos filósofos e de suas obras não constitui em si mesma um instrumento ou ferramenta.

Filosofia não possui aplicação prática. Não é pragmática. Filosofia não serve para absolutamente nada. E é exatamente por não possuir aplicabilidade no mundo real e prático; justamente por escapar do habitual e do cotidiano, do vulgar e do trivial; precisamente por ser eminentemente teórica e intangível; que todos os estudantes de filosofia deparamo-nos com o célebre diálogo:

---

<sup>1</sup> UFRJ 2002-2005.

<sup>2</sup> Ref. "O mundo de Sofia" de Jostein Gaarder - romance infanto-juvenil introdutório à filosofia.

<sup>3</sup> Ref. "A história sem fim" de Michael Ende - romance infanto-juvenil sobre os limites da imaginação humana cuja estrutura metalingüística inspirou Jostein Gaarder.

<sup>4</sup> Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> SENAC 2017-2018.

<sup>6</sup> Auguste Comte, filósofo francês do séc. XIX fundador do Positivismo.

— *Olá, o que você estuda?*

— *Oi, eu estudo Filosofia.*

— *E isso<sup>7</sup> serve para quê?*

"Para quê?" A pergunta que define, rege, estabelece, direciona e circunscribe o mundo teleológico em que nos encontramos. Todas as ações visam (ou devem visar) algo, todos os trabalhos almejam (ou devem almejar) um objetivo, todos os planos desejam (ou devem desejar) alcançar uma meta.

A própria vida tem seu objetivo último, a *eudaimonia*<sup>8</sup> (felicidade), afinal "tudo deve ter uma finalidade"<sup>9</sup>. É nesse mundo prático em que vivemos. Onde as pessoas trabalham, pagam contas, sonham consumir, invejam o que não conseguem comprar, não dão valor ao que têm. Até mesmo a arte "*em sendo bela, tem a sua utilidade*"<sup>10</sup>, tem seu preço, gera lucro. Sem muito espaço para divagações. Exceto para reclamar da falta de tempo.

O homem buscou desenvolver tecnologia para acelerar sua produtividade e assim ter mais tempo livre para viver a vida e admirar o mundo. E o mesmo homem se afoga num oceano de informação, e dados, e redes, e mais trabalho. E cada vez sente a vida se esvaír mais rapidamente. E "*o mundo vai girando cada vez mais veloz. A gente espera do mundo e o mundo espera de nós um pouco mais de paciência.*"<sup>11</sup> Quanto mais o mundo acelera, quanto maior a gravidade do nosso entorno, mais peso o homem sente e menos espaço/tempo tem para olhar as estrelas, as rosas e os carneiros do céu.

É cochichado pelas más línguas do povo, desde quando essa história de filosofia começou lá atrás nos imemoriais tempos do século VI AEC<sup>12</sup>, que ela era coisa de gente estranha que não trabalha e passa o dia todo devaneando coisas sem sentido. Não mudou muito desde então. Só trocaram as ágoras por centros acadêmicos, as togas por roupas *hippies* e o vinho por cerveja e maconha.

De fato, o pensamento filosófico exige seu próprio tempo. Ele tem seu próprio fluxo e suas próprias necessidades. Aristóteles tinha seus escravos. Voltaire sua fortuna. Maquiavel sua biblioteca. Wittgenstein seu caderno. Um homem que pega três conduções para ir trabalhar por 10 horas e retorna a casa após um longo engarrafamento não está (literalmente) em condições psicológicas de refletir sobre as grandes questões do universo. E possivelmente não tenha maiores interesses do que comer, tomar um bom banho quente e desmaiar na cama para enfrentar o dia seguinte...

O "*ócio contemplativo*" não tem espaço nesse mundo de obrigações diárias e cobranças contínuas. E aqueles indivíduos que se maravilham com a despreziosa busca infinita são incompreendidos pelos demais. Já se riam de Tales de Mileto caindo em buracos enquanto caminhava fitando as estrelas.<sup>13</sup> E de mero menoscabo chega-se por vezes tais a repúdio aos que criticam, aos que questionam, aos que fazem perguntas a que os demais se sentem incomodados em responder ou até mesmo em apenas ouvir.

<sup>7</sup> E até o pronome demonstrativo mostra o afastamento do interlocutor...

<sup>8</sup> Em grego: εὐδαιμονία. Juntamente com os conceitos de *areté* (vulgarmente traduzido como virtude) e de *frônese* (sabedoria da vida prática) embasam a ética aristotélica.

<sup>9</sup> Depreende-se do conceito aristotélico de finalidade natural das coisas.

<sup>10</sup> Ref. "O pequeno príncipe" de Antoine Foscolombe - romance filosófico adulto francês.

<sup>11</sup> Ref. "Paciência" de Lenine - música popular brasileira.

<sup>12</sup> Surgimento do pensamento pré-socrático dentro do contexto do sincretismo cultural mediterrânico.

<sup>13</sup> Anedota referente a um evento da vida de Tales de Mileto, primeiro filósofo do ocidente. Viveu no séc. VI AEC.

Falar demais custou a Cícero<sup>14</sup> sua língua e sua vida. Mas bem antes disso Platão já contava de certa caverna na qual quem sabia demais era tachado como louco<sup>15</sup>. E de um tal filho de parteira que tinha como ofício ajudar a parir idéias<sup>16</sup>. Esse também foi morto por se recusar a parar de pensar e a parar de dizer o que pensava.

Pensar, refletir, perguntar, indagar, questionar, criticar, debater incomodam. Pois ao homem não foram dadas garras ou presas, couraça ou proteção; mas foi dada inteligência e com ela pode mudar o mundo. E isso incomoda muito a quem se beneficia do que aí está.

Assim nasceu a "*mãe de todas as ciências*": inquirindo a natureza das coisas. Ao observar e investigar o mundo e o cosmo em que vivia, o homem encontra na razão e na reflexão o ingresso para o "mundo das idéias" platônico ou abre olhos aristotélicos para a realidade concreta das coisas. Se a maçã newtoniana é a mesma, o resultado da pancada muda conforme a cabeça.

Dizem que foi um batismo pagão pitagórico<sup>17</sup> que cunhou seu nome... E se tornou moda falar bonito de coisas que ninguém entendia muito bem. Surgem assim os sofistas.<sup>18</sup> Até hoje a rixa persiste entre os dois grupos.

Mas uma coisa há de se salientar: se no princípio o interesse era a natureza do universo, os olhos que antes vislumbravam as esferas celestes se voltaram pouco a pouco também para as esferas mundanas. Foi com o advento dos ensinamentos socráticos e o dissenso platônico-aristotélico que o interesse dos filósofos se voltou para a vida na *pólis*: a *politéia*. Essa passagem de foco do pensamento cosmogônico para o pensamento ético marca uma evolução de paradigma: o homem não é só estudioso do universo, mas também é estudioso de si mesmo.

Esse estudo progride ao longo do tempo, ao longo da história. Hegel já diria: história essa definida pela ação, desejos e ambições dos homens (mas só aqueles que contam!). O superestimado poder dos poderosos detentores do poder lhes confere superpoderes, algumas vezes molda vida alheia e também pode moldar o pensamento alheio. Conforme os séculos foram passando e a Igreja foi ficando, monastérios se tornaram o centro da cultura, da educação e do pensamento. Nascia assim a Escolástica, num esforço estupendo de unir a razão à fé cristã; valores judaicos aos helenísticos; água, verbo, pão e vinho. Agostinho de Hipona<sup>19</sup> preparou as fundações para grande edifício ser construído sobre elas. Tomás de Aquino<sup>20</sup> escreveu um minúsculo opúsculo<sup>21</sup> que viria a ser estudado e reestudado nos séculos que se seguiriam.

E aquela "*ciência primeira*" que inquiria sobre a natureza dos deuses e questionava sua existência foi (pelos poderosos) ironicamente convocada a testemunhar a existência de um só (todo-poderoso). Anselmo<sup>22</sup>, assim dizem, provou. E Descartes nisso se amparou: "*Cogito, ergo sum.*"<sup>23</sup> Muito interessante notar que se podia criticar tudo, questionar tudo, duvidar de tudo... Exceto de deus! E claro, depois

<sup>14</sup> Marco Túlio Cícero, cônsul romano séc. II a I AEC.

<sup>15</sup> O mito da caverna, famosa alegoria encontrada na obra "A república" do autor citado.

<sup>16</sup> Sócrates era filho de uma parteira e seu método de reflexão filosófica foi, por isso, chamado de "maiêutica", que significa "ajudar dar a luz" em grego (lit. partejar). Sócrates foi condenado ao suicídio por ingestão de cicuta de acordo com as leis de sua época, pois suas críticas e ensinamentos iam de encontro a dogmas religiosos correntes e a interesses políticos locais.

<sup>17</sup> Pitágoras de Samos, filósofo e matemático do séc. VI - V AEC. Atribui-se a ele a criação do termo "filosofia".

<sup>18</sup> Sofistas: professores que trabalhavam itinerantemente cobrando por aulas de oratória, retórica, arte política e educação em geral.

<sup>19</sup> Filósofo e teólogo do séc. IV; estabeleceu as bases conceituais da igreja ocidental. Sua maior obra é "Cidade de Deus".

<sup>20</sup> Filósofo e teólogo do séc. XIII; responsável por grande desenvolvimento do pensamento escolástico à sua época.

<sup>21</sup> Suma Teológica: imensa obra com quase 2.700 capítulos do séc. XIII, considerada por muitos a maior representante e a mais importante do pensamento escolástico.

<sup>22</sup> Anselmo da Cantuária, teólogo e filósofo do séc. XI, fundador da Escolástica.

<sup>23</sup> Sentença proferida na obra "Discurso sobre o método" de 1637. Parte das provas de Anselmo para provar que o mundo não é uma ilusão. Traduz-se como: "penso, logo sou".

segundo Descartes, de que há um "eu" para duvidar... Ao se apropriarem da filosofia, fizeram-na dogma. E ao fazerem-na dogma, deixou de ser filosofia. A filosofia não possui restrições de conteúdo, do que não se pode perguntar, de que senda é proibida de caminhar. Tudo é objeto de filosofia. E o todo, também.<sup>24</sup>

Pouco importa se deus é criação do homem, ou se o homem é criatura de deus. A filosofia é a ação imanentemente humana. Inerentemente humana. Indissociavelmente humana. Intrinsecamente humana. Eminentemente humana. É o que nos define enquanto seres humanos. É a mais alta faculdade de que dispomos. É nossa própria existência enquanto o universo que se observa. É "*a essência mesma de um ser humano.*"<sup>25</sup>

A filosofia paulatinamente iria desvencilhar-se das correntes às quais fora presa por tanto tempo. E uma ascensão mais proeminente do pensamento metodológico científico se daria logo em seguida a Descartes. Após o longo processo de renascer<sup>26</sup>, a fé seria reformada<sup>27</sup>. A ciência evoluía. O mundo se transformava por revoluções. E a filosofia, como reflexo da existência humana, acompanhava essa transição. O cosmo e o mundo voltariam a ser alvos do crivo da razão. Agora da "razão pura".

Mudanças nos hábitos, mudanças nos costumes. O cenário ideal para o enfrentamento de questões éticas. Haveria um direito natural entre todos os povos, como conjecturava Grotius<sup>28</sup>? Ou todas as relações sociais seriam derivadas de um pacto, como afirmava Locke<sup>29</sup>? Haveria uma ética universal, um "dever ser" ideal válido em qualquer circunstância, sob qualquer hipótese, como propunha Kant<sup>30</sup>? Ou a ética deveria ser pautada segundo as conseqüências das voláteis ações humanas, tendo como único propósito buscar aquilo que seja mais útil a todos, como afirmava Bentham<sup>31</sup>? Haveria uma forma mais humanitária de punir os transgressores das leis, como desejava Beccaria<sup>32</sup>? Haveria uma forma de governo mais humanitária, como imaginava Rousseau<sup>33</sup>? Ou dever-se-ia manter o controle nas mãos de um senhor absoluto, como defendia Hobbes<sup>34</sup>?

O universalismo ético contra o utilitarismo. O jusnaturalismo contra o contrato social. Absolutismo contra liberalismo. Notável progresso filosófico. Correntes e escolas se formavam, argumentos eram vencidos e recuperados. Mas ainda havia uma carência, um objetivo que desde a época grega fora várias vezes buscado ao longo do caminho: a formação de um sistema, isto é, a elaboração de uma estrutura conceitual capaz de explicar a realidade como um todo.

Nessa missão, é absolutamente inegável a importância de Hegel, filósofo alemão do séc. XIX, como um dos grandes nomes da filosofia. Ele é considerado o último grande sistematizador, ou seja, um filósofo que procurou efetivamente desenvolver um sistema inovador. (Porém, não poderia deixar de mencionar que discordo de praticamente tudo o que ele defende. Para mim, se a história da filosofia é um rio, com afluentes e efluentes, raias caudalosas e trechos de mansuetude, em que o curso segue num fluxo contínuo, Hegel é a pedra no meio desse rio.)

<sup>24</sup> Ref. José Ortega y Gasset, filósofo espanhol do séc. XX. Afirma que a filosofia é autônoma e pantônoma, ou seja, é independente e abrange irrestritamente todas as áreas.

<sup>25</sup> Ref. "Introdução ao pensamento filosófico" de Karl Jaspers, filósofo alemão do séc. XX - livro introdutório ao estudo acadêmico de filosofia.

<sup>26</sup> Renascimento: período de grandes mudanças culturais ocorrido entre os séculos XIV e XVI.

<sup>27</sup> Reforma Protestante: movimento religioso do séc. XVI contra a centralização dogmática católica.

<sup>28</sup> Hugo Grotius, filósofo e jurista holandês do séc. XVII.

<sup>29</sup> John Locke, filósofo inglês do séc. XVII.

<sup>30</sup> Immanuel Kant, filósofo alemão do séc. XVIII.

<sup>31</sup> Jeremy Bentham, filósofo e jurista inglês do séc. XVIII.

<sup>32</sup> César Beccaria, filósofo e jurista penal milanês do séc. XVIII.

<sup>33</sup> Jean-Jacques Rousseau, filósofo genovês do séc. XVIII.

<sup>34</sup> Thomas Hobbes, filósofo inglês do séc. XVII.

Para estudar tudo, todos e o todo, o homem depara-se com sua própria finitude. Ainda que Heidegger<sup>35</sup> nos diga que somos a abertura para o conhecimento, esse *dasein* (aí-ser) onde a existência/pensamento/vida se dá, afirmo que por sermos pequeninos, só podemos ver um pedacinho do universo (e de nós mesmos) por vez.

E cada pedacinho foi sendo transformado em ciência própria. Matemática, Biologia, História, Física, Psicologia. A filosofia viu aos poucos suas filhas crescendo e ganhando independência. Um orgulho para toda mãe! As investigações científicas cada vez mais aprofundadas geraram um volume, uma quantidade de conhecimento tal que torna impossível a um homem conhecer tudo o que foi descoberto e inventado. A segmentação e delimitação dos temas de estudo, tão necessárias para operacionalizar racionalmente o incremento do saber humano, distanciaram os cientistas uns dos outros. Os espaços de estudo foram separados por paredes divisórias. Cada aposento com sua porta. Algumas portas pesadas para abrir. E nessa estranha arquitetura, esqueceram o espaço de convivência.

Auguste Comte tratava a filosofia como uma "*enciclopédia das ciências*". "*A soma e unificação dos conhecimentos científicos de forma ordenada*". E a filosofia foi por algum tempo vista como mera matéria subordinada às disciplinas a que deu origem. Nessa edificação, a filosofia seria a biblioteca. O conjunto geral das ciências e suas subdivisões, bem como o acúmulo do saber humano. A área da interdisciplinaridade na qual uma matéria poderia aproveitar-se do conhecimento específico de outra. Um espaço de troca de informações e idéias, não um lugar de produção por si mesmo.

O tempo passou. Veio a época das grandes guerras. E com ela a seqüência de desencantamento do homem com a vida e com o mundo. O trauma foi intenso. Nietzsche<sup>36</sup> já havia apontado por seu *sui generis* método de demolição que os valores, as crenças e a sociedade já não eram os mesmos. Que as bases sólidas sobre as quais as pessoas esteavam seus alicerces estavam ruindo. Kierkegaard<sup>37</sup> também criticava o abstrato e se ocupava com a vida humana concreta. Surge o existencialismo.

Com o século XX, vieram rápidas mudanças. A indústria se beneficiaria daquela (r)evolução científica. Novos modelos de produção. Busca por mais conforto, mais bens, mais tecnologia. Tudo mudando muito rápido. Entretanto, também um mundo em conflito que poderia acabar de uma hora para outra. Era a Guerra Fria. Experiências marxistas sacrificaram milhões. A mazela da fome não se daria mais por culpa de estiagens, mas por disputa política. Jovens pediam por liberdade, mas perderam a responsabilidade e o respeito. Russell<sup>38</sup>, Sartre<sup>39</sup> e outros exprimiram a desorientação e confusão da sopa borbulhante em que o mundo havia se tornado. Um caldeirão prestes a entornar.

Mais uma vez a filosofia mudou, acompanhando a humanidade que lhe inspira. Não há mais grandes buscas por um sistema unificado (como Hegel) ou para responder uma questão universal (como Kant). Hodiernamente os homens buscam apenas respostas para perguntas pontuais. Pensadores do século XX e XXI como Nozick, Rawls, Habermas e Adorno concentraram-se nas questões políticas do dia-a-dia. Hans Küng e Peter Singer com a ética do dia-a-dia.

O desencanto com a vida, a superficialidade com que se vive e a velocidade sentida dela fugindo pedem respostas mais pragmáticas, mais objetivas. Para o engenheiro, o farmacêutico, o vendedor... Tal como era para os vizinhos de Tales. Nada mudou muito nestes 2.700 anos, além do uso de *smartphones*.

<sup>35</sup> Martin Heidegger, filósofo alemão do séc. XX.

<sup>36</sup> Friedrich Nietzsche, filósofo alemão do séc. XIX.

<sup>37</sup> Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês do séc. XIX.

<sup>38</sup> Bertrand Russell, filósofo britânico do séc. XX.

<sup>39</sup> Jean-Paul Sartre, filósofo francês do séc. XX.

E como eu respondo? Afinal, o que é filosofia? Com tantas abordagens, como defini-la? É uma forma de contestar o *status quo*? É uma forma de expressão? É um instrumento a serviço deste, desse ou daquele? É um reflexo dos tempos? É uma ciência, um sistema, um dicionário? É uma viagem? Ponto de partida ou de chegada?

Minha resposta é singela: está na própria definição; está na própria pergunta. Filosofia é o gosto do conhecimento, o gosto de aprender, a vontade de querer saber mais. É a curiosidade que nos move, é "*o olhar com atenção que torna tudo interessante*". É esse espírito de criança que descobre o mundo todo dia como se fosse a primeira vez. E a liberdade para contar com um sorriso o que se descobriu.

Não é para os "*homens sérios*".<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> "*As pessoas grandes são mesmo muito esquisitas.*" - Antoine Foscolombe, em "O pequeno príncipe".